

A Ressonância do Tempo em Dias Perfeitos (2023): Reflexões sobre a Aceleração e o Valor da Atenção na Perspectiva de Hartmut Rosa¹

Ana Clara Pereira Passos²

Dirceu Martin Alves³

Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC

RESUMO

O filme “Dias Perfeitos” (2023), de Wim Wenders, é o objeto desta análise, que busca compreender como a experiência cinematográfica pode funcionar como forma de resistência à lógica da aceleração da modernidade tardia. A partir da teoria da ressonância de Hartmut Rosa, propomos uma reflexão sobre o uso do tempo e a possibilidade de restabelecer vínculos significativos com o mundo por meio da arte. O estudo adota abordagem qualitativa, com base em análise fílmica, para investigar como o cinema pode operar como espaço de ressonância vertical, restaurando sentidos e promovendo envolvimento diante da alienação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cinema; cultura da aceleração; ressonância.

CORPO DO TEXTO

Vivemos tempos marcados pela aceleração: de informações, de conteúdos, de expectativas sobre produtividade e desempenho. Essa lógica se infiltra em quase todos os aspectos da vida contemporânea, inclusive no modo como assistimos filmes, nos relacionamos com a arte e com nós mesmos. Este artigo nasce de um incômodo pessoal. Apesar de me sentir afetada por essa cultura, sinto-me também incapaz de escapar dela, como se a velocidade tivesse se tornado inevitável. Carregando esse cansaço difuso, vejo em “Dias Perfeitos” (2023), de Wim Wenders, um contraponto auspicioso. A trajetória de seu protagonista ilustra a busca por uma experiência do tempo mais lenta e reflexiva — um modo de existir que desafia o ritmo acelerado da modernidade. Ao

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE02 - Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz, email: acppassos.rti@uesc.br.

³ Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz, email: dmalves@uesc.br.

sugerir outra forma de estar no mundo, a narrativa se apresenta como uma pausa possível, um lembrete estético e existencial de que a vida pode ser outra coisa.

A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada na análise fílmica de “Dias Perfeitos”. A escolha do filme decorre de um interesse pessoal e da percepção de que sua narrativa propicia uma experiência de tempo distinta daquela promovida pelos fluxos audiovisuais hegemônicos. A análise busca relacionar aspectos formais e temáticos da obra com os conceitos desenvolvidos por Hartmut Rosa, especialmente no que se refere à aceleração social e à ressonância. Considera-se o cinema como meio de expressão e reflexão sobre o tempo na contemporaneidade.

A sociedade contemporânea é marcada por uma aceleração generalizada das experiências e práticas cotidianas. Essa dinâmica, conforme aponta Hartmut Rosa, se manifesta tanto de maneira objetiva — na compressão do tempo dedicado a atividades básicas, como refeições, sono e interações familiares — quanto de forma subjetiva, na sensação constante de que o tempo nunca é suficiente. Trata-se de uma intensificação do número de ações e estímulos a que somos expostos por unidade de tempo, impulsionada pelo imperativo de produtividade, desempenho e constante atualização. Nesse cenário, o desejo (ou a necessidade) de “fazer mais em menos tempo” se torna central, gerando um estado permanente de pressa e saturação que compromete a qualidade da experiência e o vínculo significativo com o mundo.

Na obra “Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna”, Rosa analisa como a aceleração social da modernidade não se restringe às transformações técnicas ou econômicas, mas afeta profundamente a forma como os sujeitos se relacionam com o mundo. A alienação contemporânea, para ele, não se limita à cisão entre o trabalhador e o processo produtivo, como apontado pela tradição marxista, que já denunciava a perda de sentido e de realização no trabalho sob o capitalismo. Rosa amplia essa noção ao considerar também uma alienação existencial: a ausência de envolvimento significativo, o estranhamento e a indiferença tornam-se características marcantes da experiência moderna.

O ritmo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), sobretudo a lógica das redes sociais, se mostra particularmente acelerado. Estímulos visuais e sonoros incessantes, conteúdos curtos e descartáveis e notificações constantes ampliam a fragmentação da atenção. A avalanche de estímulos a que somos submetidos

evidencia uma intensificação da aceleração já presente nas mídias anteriores. Não se trata de idealizar o passado, mas de reconhecer como o tempo das imagens — e, consequentemente, da nossa percepção — vem sendo comprimido de maneira progressiva.

É nesse contexto que propomos pensar o cinema — em particular o cinema de ritmo lento, contemplativo, que não cede às influências do ritmo — como um ambiente de resistência e possibilidade. No livro “Ressonância”, Rosa apresenta esse conceito como uma resposta à alienação. Para ele, se a aceleração configura o problema central da modernidade, a ressonância surge como uma resposta possível a esse impasse (Rosa, 2021). Ressonância, nesse sentido, implica uma relação de escuta, abertura e resposta entre o sujeito e o mundo. Portanto, ao oferecer uma experiência sensorial e temporal alargada, que exige atenção e disposição para o silêncio e para o gesto simples, entendemos que pode-se considerar o cinema como ambiente de ressonância.

Em específico, Rosa mapeia os ambientes de ressonância a partir de três eixos: o horizontal, que abrange relações interpessoais como família, amigos e coletivos; o diagonal, que inclui o trabalho, os esportes e os objetos; e o vertical, onde se situam experiências mais profundas e transformadoras, relacionadas à arte, à natureza, à religião e à história. É no sentido da arte que direcionamos o cinema como ambiente de ressonância vertical. Ao nos conectar com imagens, sons e tempos que escapam da lógica da aceleração, o cinema — especialmente obras como “Dias Perfeitos” — pode criar uma fresta de envolvimento real e transformação subjetiva.

Nesse contexto, o filme de Wenders funciona como uma espécie de espelho invertido do nosso cotidiano saturado. Acompanhamos a rotina de Hirayama, personagem que encontra beleza nos gestos mais simples: ouvir músicas em uma fita cassete, observar a luz que atravessa as folhas das árvores, ler um livro, apreciar o tempo decantado através de fotos analógicas. Há, ali, uma temporalidade outra, que nos desafia e também nos convida a perceber o que há de sensível nas repetições e na aparente monotonia. Na recusa da pressa de narrar, o filme propõe um estado: um treino de atenção e presença que resiste à lógica da aceleração e ao brilho artificial das redes sociais.

Ao evidenciar a potência do cinema como espaço de resistência à lógica da aceleração, este artigo propõe que obras como “Dias Perfeitos” não apenas representam

uma outra forma de lidar com o tempo, mas também instauram uma experiência capaz de restaurar vínculos sensíveis com o mundo. Ao convocar o espectador a desacelerar, observar e escutar, o filme se alinha ao conceito de ressonância de Hartmut Rosa, mostrando como a arte pode abrir brechas de sentido em meio à alienação contemporânea. Assim, diante da lógica da velocidade que rege o consumo de conteúdos na atualidade, o cinema ganha poder como prática de atenção e possibilidade de conexão com o tempo.

REFERÊNCIAS

DIAS Perfeitos. Direção: Wim Wenders. Produção: Master Mind Ltd.; Spoon Inc.; Wenders Images. Alemanha; Japão, 2023. Disponível em: <<https://mubi.com/pt/br/films/perfect-days>>. Acesso em: 03 mai.2025.

ROSA, Hartmut. **Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade na modernidade tardia.** Tradução de Fábio Roberto Lucas. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

ROSA, Hartmut. **Resonance: a sociology of our relationship to the world.** Cambridge: Polity Press, 2021.